

# Morte de O. de Castro e contos de Teolinda

13 de Abril – Ópera de Daniel Schvetz. Já sabemos que o nosso planeta não é o centro do mundo, que a Europa não é o centro da geografia, que a nossa opinião não é o centro da cultura. Descobrimos, com modéstia, o que não é relativo, inseguro, ambíguo, na sua origem, de facto, não existe a sério.

É um prólogo e podia ser o epílogo para uma breve reflexão crítica relativa à curta ópera experimental proposta corajosamente durante dois dias no grande palco do Teatro Municipal de Almada. E digo de chofre: ainda não foi desta. Ainda não foi desta vez que *O Defunto*, segundo o conto de Eça, do compositor Daniel Schvetz, argentino original e professor na Escola de Música do Conservatório Nacional, ajudado pelo Grupo de Música Contemporânea de Lisboa – herança de Jorge Peixinho – dirigido por João Paulo Santos, cantado e falado pelo barítono Luís Rodrigues e só cantado por Rui Baeta e o mezzo de Susana Teixeira, nos inquietará pela beleza, preparará pela vertigem do incerto, fazendo-nos absoluta ou relativamente felizes. E todavia: não se pode negar uma ideia à obra. Pouco queiroziano, mas Eça, uma experiência estética do compositor, o agrupamento de excelente passado, os intérpretes. Porém, tudo isso, mais as projecções estranhamente montadas, num espaço esvaziado, mas que acaba por funcionar como vazio sem sentido, não representam nem o presente, nem o passado, apesar de todos os esforços (e talvez poucos ensaios) de Erica Mandillo, encenadora consciente da artificialidade e da difícil tarefa em conjugar o que é a conjugar e sintetizar.

Ainda não foi desta que a ópera experimental em Portugal, e especificamente portuguesa, viu o seu nascimento ou renascimento mais seguro. Pelo menos isso: a via da aprendizagem não é para rejeitar.

14 de Março – Morreu João Osório de Castro. Não, nem pude estar na missa de corpo presente: o destino brinca conosco. O amigo de longa data, de amplos espaços de tempo, de construção, morreu sem mim, e até ausente desse ritual, que talvez seja mais do que apenas a repetição de hábitos. Nem fui à missa de corpo presente, mas soube à última hora. Porém, nessa exacta hora tinha um ensaio teatral ao qual não pude faltar, fora de Lisboa, um dos ensaios decisivos para a marcha de um espectáculo há longo tempo preparado. Osório de Castro ainda soube da data da estreia. Fomos, eu e a minha família, os últimos que recebeu, na sua casa do Estoril, e foi quando lhe falei da peça. Não foi a última ceia, mas o último almoço, por assim dizer, amigável e social, com todos os pormenores de máxima educação e etiqueta. Dissimulou. Tentou aguentar como se nada fosse, mas já estava a morrer não só diante de nós, mas seus próprios olhos. E porque sabia da data da estreia – sempre me acompanhou atento – espero que naquela zona nebulosa de ninguém, nesse limbo onde se pode chegar de um momento para o outro, e de onde se pode sair do mesmo modo, sossegou-me: o teatro antes de tudo. Vá ao ensaio!



## Sol & sombra

JORGE LISTOPAD

Era isso, João Osório de Castro – o teatro antes de tudo. Não esperem de mim um curriculum. Quando o teatro corre no sangue, como foi o seu caso, não há curriculum que agente. Todos os dias se sonha, se especula, se escreve meio adormecido, se monta o imaginário novo espectáculo: são espectáculos nus como aves, aves que procuram o postigo. Osório de Castro teve, numa certa época, um postigo famoso, de



PINTURA DE EMERENCIANO

fama justa: a Casa da Comédia. Famoso graças a algumas pessoas antes dele, mas também e sobretudo, no declínio do salazarismo e do hesitante marcelismo. A poética que a Casa da Comédia irradiava era uma arma de beleza contra tudo à sua volta.

É chegado o momento de ser mais concreto? Neste texto titubeante, algumas horas depois do enterro, falta-me a força. Sossegado sou, mas de outro modo. *Pax nobiscum*.

18 de Abril – Os contos de Teolinda Gersão. Há várias definições de conto. Para mim, o conto clássico significa a redução e a austera extensão não necessariamente de páginas mas de acção. E com a acção reduzida, indo de par com a economia da personagem, chegamos ao exemplar segmento do tempo. Pode não interessar a teoria, pois temos na prática o novo livro de Teolinda Gersão, com sedutor

título *A mulher que prendeu a chuva* (Sudoeste Editora). E nem interessariam as minhas impressões de leitura depois da generosa entrevista com a autora, no JL n.º 980, pois, relativamente recente, de cuja capa a autora nos sorri. O que se esconde atrás do sorriso? Neste caso – os contos existem pouco sorridentes, sofrem por vezes de tristeza aguda, a morte física ou a morte de amor passeia por perto, embora numa linguagem tranquila, mas nem por isso menos pungente. Se bem me lembro, o entrevistador recordou a propósito de alguns contos, o nome de Irene Lisboa. Talvez seja. A mim, ainda me fez lembrar mais – se fosse necessário – Maria Judite de Carvalho, brilhante contista de melancolia ilimitada.

Embora os contos de Teolinda Gersão sejam variados, quer no tema-enquadramento, quer na data, e até na eficácia da narrativa, o seu livro torna-se involuntariamente o sismógrafo dos incidentes do quotidiano da nossa época, «nos lugares devorados pelo quotidiano», segundo as palavras da escritora.

E por minha conta do leitor, atento à prosa da escritora, identificar-me-ia com a escrita, diria, mais livre, mais solta, desenvolvida, discreta se não mascarada, feita como que em movimento, e por meias palavras. Esse conto é «Cidades». Pertence à minha antologia pessoal.

### 20 de Abril – Emerenciano

«Não sou artista plástico a tempo inteiro», diz no prefácio do livro, o artista plástico a tempo inteiro – porque Emerenciano, de quem se fala, tem vários tempos a tempo inteiro. O livro de desenhos *Impura Atitude* (Afrontamento) é deslumbrante, porém sem solenidade, de traço único, definitivo. Propõe que saiam do esquecimento, pelo menos aparente, as simples linhas: a mão do artista, o traço, faz parte de uma síntese como que por acaso. Todas as variações e permutações são chamadas a intervir para uma realidade combinatória.

Curriculum: o artista nasceu em Ovar em 1946. Vive no Porto. Belas-Artes do Porto. Etc. Interessa, mas não a este mini-comentário que decorre desse livro, bonito em todos os sentidos.

Ou sejamos ainda mais práticos: vejamos a gravura, enquadrada na página que ilustra a arte de Emerenciano.

22 de Abril – Fragmentos de felicidade. Os que buscam não são sempre os que encontram. Há os que não buscam, nem encontram. Casimiro de Brito busca. Toda a sua carreira literária partiu dessa via difícil, fatal. Homem feliz porque busca?

Portanto, um vagabundo, sem tecto de tranquilidade poética. Mas se nos tempos próximos ainda existir o que se chama de literatura, Casimiro de Brito será tomado com espécimen sério, e o seu livro publicado agora pela Quasi, *Fragmentos de Babel seguidos de Arte Poética* será chamado. E uma vez, superando a impressão inicial do artificial, encontramos nesse poeta o que procura: a voz, a voz de alguém que «continuará raspando a argila de sua arte». É o seu manifesto. ●

## Fugir dos periódicos!



### o homem do leme

«Não desprezem os jornais que uma folha lançada ao ar sempre dá para ver de que lado sopra o vento», já não me lembro quem é que disse esta frase, mas foi alguém esclarecido. Pelo menos para

isto servem (e também para limpar vidros). E já se sabe que os jornais têm um prazo de validade ainda mais curto do que os iogurtes: no dia seguinte já são obsoletos. Bem, mas se assim acontece, de que serve a Hemeroteca? Um espaço que guarda, arquiva, trata e disponibiliza milhares de milhares de páginas, algumas comidas pelas traças outras apenas pelo tempo.

Ler jornais é para muitos uma paixão e um vício. E os jornais antigos contam histórias antigas e são bens preciosos para compreender a nossa pequena e a grande história. Isto apesar de serem mesmo feitos para usar e deitar fora. E por isso se degradaram. Quanto mais folheados mais se gastam, mais se rasgam as páginas. É assim, à partida, ingrata a missão da Hemeroteca de Lisboa, que, em simultâneo, tem como

missão conservar e tornar consultável o seu espólio. A solução passa, obviamente, pelas novas tecnologias. O microfilme permite salvaguardar os originais. Mas melhor do que isso, e mais

prático para o utilizador, é o serviço que tem vindo a ser desenvolvido on-line. Na Hemeroteca Digital (<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt>) já se encontram mais de 37 mil jornais. Desde *O Riso d'A Vitória* ao *Diário de Lisboa*. O serviço é gratuito. É fascinante vasculhar estas páginas. São convites a viajar para tempos de que nunca poderíamos ter memória. Mas, por momentos, podemos ter a sensação de abrir *Gazeta de Portugal*, e ler o artigo de um grande cronista da época chamado Eça de Queirós.

O formato digital é o mais indicado para quem pesquisa. A busca por palavras-chave ou num índice temático torna tudo muito mais fácil. Claro que se perde o prazer do manuseamento e do cheiro dos jornais. Para isso temos os jornais de hoje... mas já não cheiram como os de antigamente.

A 3 de Maio, assinalando o Dia Mundial do Livro, a Hemeroteca vai disponibilizar mais alguns títulos. O mais fascinante é o livro *Exorcismos contra Periódicos e outros Malefícios*, do Padre José Agostinho de Macedo. Um texto notável, de 1825, em que reconhece nos jornais um novo Satanás. Lê-se: «He preciso illustrar a nação, isto he, levar as luzes liberaes a todas as classes, todos são iguaes diante da Lei, (...) he preciso que Povo conheça o que se faz, para aprovar o que se faz». Mais: «Todos elles não dão a conhecer, (...) mais do que o estúpido da fome que lhes devora o bandullo». E, exaltado, remata: «Portuguezes, fazei hum cordão treplicado a esta peste. O Governo tem um Diário, as Cortes tem Decretos: as Cortes vos dirão o que deveis fazer, o Governo o que se faz. Fugi de Periódicos.» Desse mal já não nos livramos.

MANUEL HALPERIN

homemdoleme@netcabo.pt